

## Discurso de Posse – Diretoria da FFLCH

Magnífico Reitor, Professor Vahan Agopyan; Professor Antônio Carlos Hernandez, vice-reitor; Professor Pedro de Oliveira, Secretário Geral; Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda, ex-diretora da FFLCH, minha amiga; caríssima Ana Paula Megiani, minha companheira neste desafio; senhoras e senhores; amigas e amigos; colegas; familiares, enfim, todos, que nos acompanham pela internet.

Desde que fui eleito diretor, momento muito especial na minha carreira universitária, tenho refletido acerca do tempo e como ele, por mais impiedoso que possa ser, afinal é “irredimível”, como diz T. S. Eliot<sup>1</sup>, pode ser também um bom ponto de partida para avaliar a própria ideia que o caracteriza, a saber, ser irre recuperável – afinal, infelizmente o tempo ainda não está sob o controle da ciência e sua recuperação física, para os leigos, é impossível, em que pese a relatividade. Essa sua característica, a irrecuperabilidade, para os pessimistas, o transforma, tempo, numa ausência eterna, um vazio, afinal, dizem, já se foi, já era, acabou, enfim, está morto; mas, para nós que ainda somos otimistas, que vislumbramos algo possível, o tempo o transforma numa sempiterna presença que se retroalimenta pela especial atenção da memória, sim, *Mnemosyne*, mãe das musas. Assim, hoje a evoco!

Calímaco de Cirene, poeta e bibliotecário de Alexandria no séc. IV a.C. escreveu num epigrama uma bela alegoria que resume minha situação quando aqui cheguei há 36 anos. Dizia Calímaco que um homem tinha a possibilidade de se casar com duas jovens diferentes, uma igual a ele mesmo em nível de riqueza e linhagem, e outra superior a ele em tudo. Diante do impasse pediu um conselho a um velho senhor, perguntando com qual seria melhor casar. O velho disse: “está vendo aqueles meninos jogando o pião na encruzilhada? Pergunte a eles”. Em seguida, ele fez a mesma pergunta aos meninos que prontamente responderam que ele deveria seguir a sua trajetória como o pião, e ele se casou com a semelhante<sup>2</sup>.

1984 foi o ano em que comecei uma segunda graduação aqui. Antes flertara com o direito, mas as letras eram minhas amantes inseparáveis, o pião que decidira seguir. A FFLCH, hoje essa senhora, me acolheu como sempre acolhe a quem chega, desnudando sua diversidade, perscrutando nossa alma, desvelando sua imensidão, provocando nossas sensibilidades, despertando nossa razão, enfim nos metamorfoseando em pessoas críticas e empedernidas, o que é absolutamente compreensível. Éramos, somos a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e temos tanto orgulho de nossa instituição, que esse orgulho chega extrapolar o amor e, muita vez, a razão também. Hoje aproveito e respondo a um colega que publicamente enfatizou que nós da FFLCH não cuidávamos dela. Meu caro, amamos muito a FFLCH e dela cuidamos muito também. E estar à frente de sua gestão é o maior sinal de respeito e cuidado que podemos lhe dar. Atenção e respeito que também exigimos de todos, todos os dias.

Bem... hoje me vejo numa outra encruzilhada, rememorando aquele que aqui chegou aos 22 anos e observando este aqui que beira os 60, um *turning point*, que para alguns se chama destino e, para outros, predisposição, vontade, impaciência, algo perto disso tudo. Fernando Pessoa nos oferece um norte: *Não sou nada. / Nunca serei nada./*

<sup>1</sup> Eliot, T. S. *Complete Poems and Plays*. London: Faber and Faber. 1982. p.171. “Burnt Norton” in Four Quartets.

<sup>2</sup> Calímaco. *Hymns and Epigrams*. Epigrama 1. Cambridge, Mass: Harvard University Press. Loeb Classical Library, 129. 2000. pp. 136-139.

*Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo*<sup>3</sup>. Então ... Hoje o sonho é realidade, logo estamos diante do “tudo” e não do “nada”. Minha predisposição se impõe, minha vontade me dirige, minha impaciência me estimula. Hoje o passado se concretiza no presente. Hoje tenho a memória do futuro. Minha predisposição àquilo que é coletivo aflora. Gosto do que posso fazer pela FFLCH, pela USP. Retribuo nos anos de gestão tudo o que aprendi aqui, tudo que conquistei aqui. Hoje, antes de tudo, é um dia de agradecimento.

Gerir a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo é perturbador, é complexo, é difícil, para alguns, impossível.

Nossa tradição, nosso tamanho, nossa significação e nossa diversidade confirmam o paradoxo de Fernando Pessoa: **entre ser nada e ter todos os sonhos possíveis**. Nossos Professores e Professoras desmascaram, põem a nu nossa tradição formadora. Hoje penso em apenas alguns e os agradeço em nome de todos os colegas: **obrigado** Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Bento Prado Júnior, Boris Schnaiderman, **obrigado** Claude Lévi-Strauss, Décio de Almeida Prado, Eurípedes Simões de Paula, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, **obrigado** Francisco de Oliveira, Francisco Weffort, Gilda de Mello e Souza, João Adolfo Hansen, João Cruz Costa, **obrigado** José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, José Luiz Fiorin, Leon Kossovich, Leonor Lopes Fávero, **obrigado** Leyla Perrone-Moisés, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Marilena Chauí, Milton Santos, Newton da Costa, **obrigado** Octavio Ianni, Olgária Matos, Oswaldo Porchat, Paulo Arantes, Renato Janine Ribeiro, **obrigado** Roberto Schwarz, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Ruy Fausto e Sérgio Buarque de Holanda e, além de todos esses, agradeço também aos ex-diretores que nos cercam neste salão nobre, que estão aqui representados pela minha amiga Maria Arminda, como que nos desafiando, a mim e a Ana Paula, sobre a responsabilidade de dirigir a FFLCH, afinal, todos eles ajudaram a construir o nome de nossa Faculdade.

Gerir a FFLCH é estar frente a frente com um gigante. Seus cinco cursos de graduação, seus 23 programas de pós graduação, seus 11 departamentos, seus 14000 alunos, seus 300 funcionários, seus 420 professores, seus seis prédios, sua biblioteca com 300 mil volumes são uma amostra da sua enorme complexidade.

Até mesmo em nossa faculdade, muitos não têm a real dimensão de seu tamanho e diversidade. Muitos que aqui trabalham ou estudam confundem o seu curso com a própria Faculdade. Não é incomum escutarmos a Faculdade de Letras, a Faculdade de História, a Faculdade de Geografia, a Faculdade de Filosofia, não como uma sinédoque da parte pelo todo, mas pela ignorância do todo que faz prevalecer a parte, como que intuitivamente, ou ato falho, diminuindo o todo por supor que a parte já é muito e, portanto, aquilo que a extrapola inexistente por uma simples impossibilidade. Assim aqui convivemos com várias “faculdades” - dentro de uma única - que se imaginam ser independentes e autônomas. Erro crasso. O todo, o gigante a ser gerido amiúde pode parecer distópico. Cabe à direção construir a utopia possível, logo, a intacta realidade.

Mas, para isso, há que haver a cerzidura desse tecido delicado, desse tecido fino e requintado, seda pura, que se quer uno, ainda que complexo. E isso pressupõe o auto reconhecimento, a compreensão de que só poderemos cuidar da parte se tivermos a consciência do todo. Afinal, já dizia Gregório de Matos e Guerra: *O todo sem a parte não*

---

<sup>3</sup> Pessoa, Fernando. *Obra Poética. Poesias de Álvaro de Campos*. “Tabacaria”. Petropolis: Nova Aguilar. 1981. pp. 296-300.

*é todo,/ A parte sem o todo não é parte,/ Mas se a parte o faz todo, sendo parte,/ Não se diga, que é parte, sendo todo*<sup>4</sup>.

O reconhecimento da nossa essência reside na aquiescência de nossas características transversais, multilaterais, interseccionais que nos unem ao mesmo tempo que nos fazem divergir. É sempre bom termos em mãos as preciosas palavras do nosso projeto acadêmico:

*Cada um a seu modo, os Cursos desta Faculdade olham para o ser humano e nele encontram aspectos que, embora diferentes, estão inevitavelmente articulados. A linguagem, o pensamento, a inserção social e política, a historicidade, a condição geográfica, tudo isso proporciona campos de investigação que, por diversos que sejam e até divergentes, se interseccionam, se beneficiam mutuamente e dialogam com proveito, contanto que saibamos ver o valor positivo da diferença entre eles. De fato, o estímulo ao espírito crítico não se obtém se não somos capazes de reconhecer a positividade própria da divergência, abandonando uma visão empobrecida que a toma como problema a ser sanado ou, pior, como pretexto para a atitude dogmática que redundando em hostilidade.”*

É justamente essa diversidade instigadora, somada a uma estrutura gigante e a uma história encantadora que nos obriga, a Ana Paula e a mim, a ter uma posição firme e cuidadosa na direção da FFLCH.

É impossível geri-la sem dormir, acordar e sonhar com ela 365 dias por ano. Enfim, todo tempo, o tempo todo.

Por fim, nossa tarefa é a coordenação de suas partes, nossa tarefa é a sistemática defesa de suas diferenças, nossa tarefa é dialogar com suas peculiaridades, nossa tarefa é vive-la diária e intensamente. Mas não sem nos esquecermos, como já disse há quatro anos atrás, citando Virgílio e Ênio, respectivamente: *audientes Fortuna adiuat*<sup>5</sup>, *fortibus est Fortuna uiris data*<sup>6</sup>, isto é, a sorte ajuda os ousados, a sorte é concedida aos homens fortes.

Sendo assim, Ana Paula, coragem!

Obrigado,

No Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com a presença do Magnífico Reitor, Vahan Agopyan; do Vice-reitor, Antônio Carlos Hernandes; do Secretário Geral, Pedro de Oliveira, da Ex-diretora da FFLCH, Maria Arminda do Nascimento Arruda e da Vice-diretora empossada, Ana Paula Torres Megiani.

Paulo Martins,  
11/12/2020

---

<sup>4</sup> Matos e Guerra, Gregório. *Poemas atribuídos. Códice Asensio-Cunha*. Volume 1. João Adolfo Hansen e Marcelo Moreira, Edição e Estudo. “Ao Braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu”. 42 [86]. Belo Horizonte: Autêntica. 2013. p. 131.

<sup>5</sup> Virg., *Ae.* 10. 284.

<sup>6</sup> Enn., *Ann.* 7.233.